

AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910.

100 ANOS DA GREVE GERAL DE 1917

ABERTURA

Em tempos de reformas da previdência, trabalhistas e do ensino médio como obras dos governantes e dos patrões, torna-se urgente promover um encontro das nossas memórias silenciadas pela classe dominante.

Costurar as nossas memórias dispersas em jornais, panfletos, fotografias e livros, muitos destas empoeiradas em arquivos, não é um ato de culto ao passado. O que você, companheira e companheiro, está prestes a interpretar é uma ação política. É tomar de assalto os arquivos das lutas operárias de homens e mulheres de todas as idades, em diferentes cidades brasileiras, contra as longas jornadas de trabalho, os péssimos salários, assédio moral e sexual, condições torturantes de trabalho.

No começo do século XX, a classe trabalhadora sofria com a exploração capitalista por mãos nacionais e internacionais, enquanto os governantes utilizavam de todos os meios policiais e judiciais para fazer do nosso protesto um crime mortal. Nesse contexto, trabalhadoras e trabalhadores organizaram sua rebeldia em sindicatos independentes, sem a tutela do Estado, criaram uma pedagogia libertária e popular por meio de jornais, grupos de teatros, escolas e encontros. Com essas ações, criaram um povo forte, disposto a resistir através da ação direta, com marchas, sabotagens, piquetes e greve geral.

Essa organização das e dos de baixo foi capaz de pressionar os patrões e governantes, que “cederam os anéis para não perder os dedos”: alcançamos vitórias,

pequenas comparadas ao nosso horizonte de transformação, mas gigantescas pela importância que tiveram para a vida de cada irmã e irmão de classe. São elementos que formam a nossa identidade rebelde e estimulam a reflexão das nossas atuais estratégias frente aos golpes em nossos direitos nos últimos anos.

A exposição apresenta relatos, fotografias e recortes de jornais em torno da Greve Geral de 1917, a mais avançada tentativa revolucionária da nossa história. Trazemos aqui retalhos de nossas memórias de sonhos e rebeldias.

MEMÓRIA É RESISTÊNCIA!

NENHUM DIREITO A MENOS!

GREVE GERAL JÁ!

**LUTAR, CRIAR,
PODER POPULAR!**



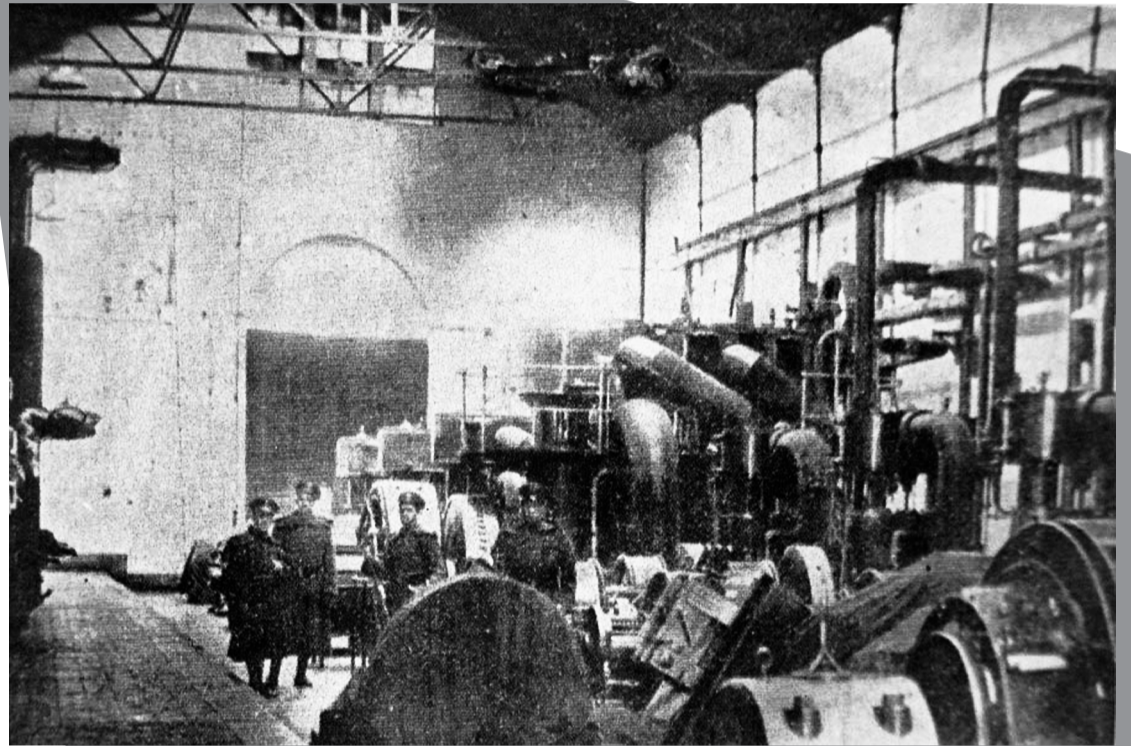
AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910.

100 ANOS DA GREVE GERAL DE 1917

AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910

“A carestia do indispensável à subsistência do povo trabalhador tinha como aliada a insuficiência dos ganhos; a possibilidade normal de legítimas reivindicações, de indispensáveis melhorias de situação esbarrava com a sistemática reação policial; as organizações dos trabalhadores eram constantemente assaltadas e impedidas de funcionar; os postos policiais superlotavam-se de operários cujas residências eram invadidas e devassadas; qualquer tentativa de reunião de trabalhadores provocava a intervenção brutal da polícia. A reação imperava nas mais odiosas modalidades. O ambiente proletário era de incertezas, de sobressaltos, de angústias. A situação tornava-se insustentável.”

Por Edgard Leuenroth.



Greve Porto Alegre, 1917.



Aspecto da multidão que acompanhou o enterro do operário Jozé Martinez, quando passava pela rua XV de Novembro, à caminho do cemitério.



Cavalaria reprimindo os trabalhadores em greve nas ruas de São Paulo.



AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910.

100 ANOS DA GREVE GERAL DE 1917

O CONTEXTO BRASILEIRO

“Um conjunto de fatores explica o clima de agitação social em 1917. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) levou à diminuição das importações e ao aumento da demanda por produtos nacionais; em 1916, as fábricas brasileiras ampliaram a produção e o número de empregos aumentou. Mas a guerra foi responsável também por um grande aumento no preço dos alimentos. Com os salários estagnados há anos, os trabalhadores não conseguiam suportar a elevação crescente do custo de vida.”

Por Nicolina Luiza de Petta.

“Em 1913, tentou-se organizar a Confederação Operária Brasileira, confirmando as resoluções do congresso de 1906, dentre elas o de ser a greve a ação direta como sua principal arma e o sindicato como agente fundamental para a organização da luta operária.



Avenida Rangel Pestana, grevistas tomam de assalto um bonde para que ele não fure a greve.

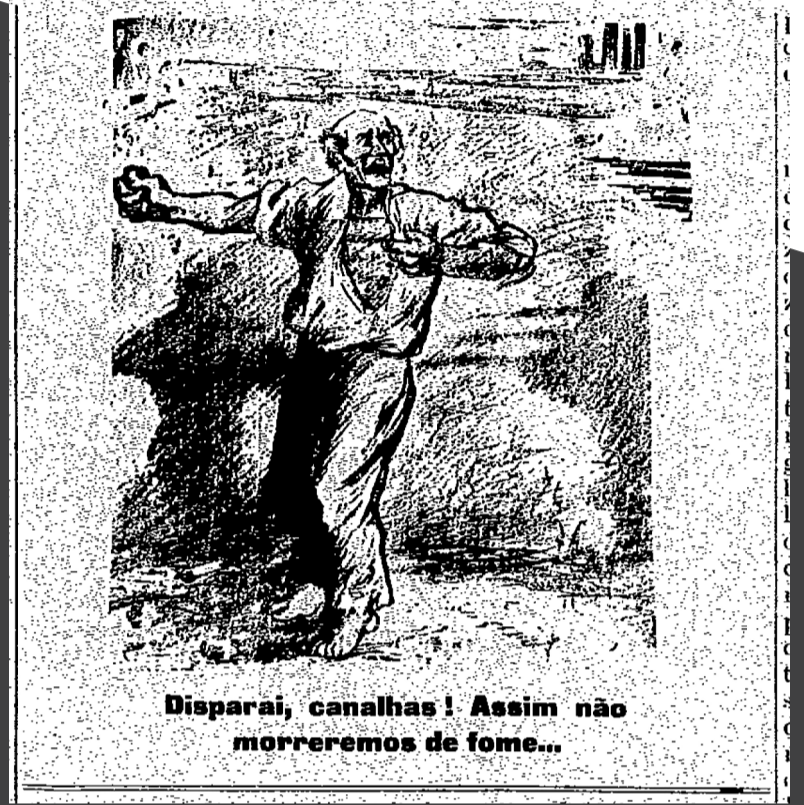


Ilustração do jornal operário “O Comopolita”, Rio de Janeiro, 15 Agosto de 1917.

(...)
O início da Primeira Guerra Mundial provoca mudanças na condução da luta política e na economia brasileira e, principalmente, devido às dificuldades de importação, levou a um crescimento do mercado interno na área industrial, aumentando significativamente o número de operários e sua mobilização para garantir algumas de suas reivindicações.

A greve geral de 1917 foi sucedida por uma série de outras que pipocaram pelo país até 1920, quando novamente o movimento começa a entrar em refluxo, devido à forte repressão policial e à legislação que ameaçava expulsar os estrangeiros que participassem de movimentos sociais.”

Por Iara Andrade Costa.



AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910.

100 ANOS DA GREVE GERAL DE 1917

SINDICALISMO DE BASE

“Mas não é verdade que a greve geral de 1917 tenha sido produto de uma determinação de um órgão superior, que tivesse dado a palavra de ordem de cima para o proletariado. Não, foi o proletariado em si, por sua vontade, deliberação e ação de quem paralisou a vida toda em São Paulo, e porque fez isso, sem palavra de ordem, sem intimação de partidos ou de quem quer que seja, sem que tivessem líderes, superiores? Porque em cada classe, em cada corporação havia já um núcleo de operários conscientes, porque a organização operária daquele tempo não era para reunir massa apenas, era também para formar unidades ativas para que cada elemento do sindicato fosse elemento ativo, unidade consciente para poder agir nos sindicatos, não como hoje.”

“A Confederação Operária Brasileira reunia todas as organizações e sindicatos existentes no Brasil. Depois do âmbito nacional vinha uma organização do simples para o composto. Na oficina, os operários tinham o comitê, esse é o princípio da organização operária de ação direta, eles se reuniam na tecelagem, na oficina, tinturaria, cada seção formava comitê de fábrica.”

Por Edgard Leuenroth.



Grevistas dirigindo-se ao largo do Palácio, a maioria mulheres.

O funeral do operário Jozé Iñigues Martinez.



AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910.

100 ANOS DA GREVE GERAL DE 1917

CONGRESSO OPERÁRIO BRASILEIRO

- 1º em 1906
- 2º em 1913
- 3º em 1920

Resolução de 1906:

“o Congresso aprovou a filiação de suas teses ao sindicalismo revolucionário francês (...) neutralidade sindical, federalismo, descentralização, antimilitarismo, antinacionalismo, ação direta, greve geral etc.”

Por Alexandre Samis.

AOS LIBERTARIOS E SIMPATISANTES

Camaradas

Em vista de aumentar enormemente o numero de menores aliciados pelos comerciantes de carne humana, para o trabalho das fabricas e das oficinas, onde são condenados a trabalhos excessivos, a jornadas prolongadas, tratados com brutalidade e castigados a chicote, ganhando salarios irrisorios, pelos quaes arruinam a saude e sucumbem, victimados por doenças adquiridas pelo trabalho e pela miseria, numerosos companheiros que mais de perto puderam constatar este facto revoltante julgaram de imperiosa necessidade iniciar uma campanha em prol dessas victimas do capitalismo explorador e tirano, afim de que não continuem submetidas a esse monstruoso regimen de torturas.

Com este fim o Centro Libertario convocou uma reunião de camaradas, a qual teve lugar no dia 4 do corrente, no salão Germinal, rua do Carmo n. 20, tendo-se resolvido nomear uma comissão provisoria para organizar os trabalhos preliminares da agitação e convidar a todas as entidades de tendencias libertarias, aos anarquistas e simpatisantes em geral a comparecer a assembléa que se realizará no proximo domingo, 11 do corrente ás 19h22 horas (7 e 30 da noite) no mesmo local, afim de tomar as deliberações mais importantes e viaveis para o bom éxito desta campanha humanitaria e justiceira.

Companheiros: em vista do desamparo em que se encontram esses menores, e da impossibilidade quasi completa de defenderem eles proprios a sua vida e a sua liberdade, porque a sua tenra idade não lh'o permite, corramos nós em seu auxilio, prestando a esta obra de reivindicación dos direitos da infancia operaria a nossa solidariedade, as nossas energias, os nossos entusiasmos de paladinos e da liberdade e da justiça. — Todos á assembléa.

A COMISSÃO PROVISORIA:

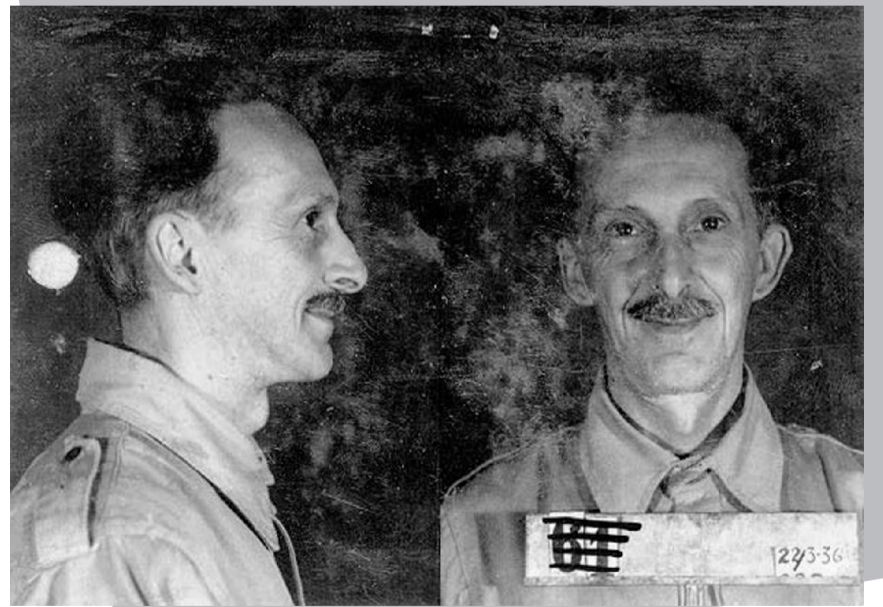
Fluencio Anadio, E. Pellegrini, José Proh, Evaristo Ferreira de Souza, A. Colucci, Florentino de Carvalho, Claudio Fazioni, Arnaldo de Battista, José Langone, Antonio Soares, Encarnacion Mejia, Rosa Musitano, Edmundo Colli e Rafael Esteve.

São Paulo, Março de 1917.



Outro aspecto do enterro do operário Jozé Iñigues Martinez.

Manuel Perdigão Saavedra, operário anarquista, que ajudou a organizar a greve geral de 1917, em santos. Foi preso durante o movimento.



AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910.

100 ANOS DA GREVE GERAL DE 1917

O CORTEJO FÚNEBRE TRANSFORMADO EM PROTESTO

"O enterro dessa vítima da reação foi uma das mais impressionantes demonstrações populares até então verificadas em São Paulo. Partindo o féretro da Rua Caetano Pinto, no Brás, estendeu-se o cortejo, como um oceano humano, por toda a avenida Rangel Pestana até a então Ladeira do Carmo em caminho da Cidade, sob um silencio impressionante, que assumiu o aspecto de uma advertência. Foram percorridas as principais ruas do centro. Debalde a Policia cercava os encontros de ruas. A multidão ia rompendo todos os cordões, prosseguindo sua impetuosa marcha até o cemitério. À beira da sepultura revezaram os oradores, em indignadas manifestações de repulsa à reação (...) No regresso do cemitério, uma parte da multidão reuniu-se em comício na Praça da Sé; a outra parte desceu para o Brás, até à rua Caetano Pinto, onde, em frente à casa da família do operário assassinado, foi realizado outro comício."

Por Edgar Leuenroth.



Aspecto da multidão que acompanhou o enterro do operário Jozé Martinez, quando passava pela rua XV de novembro, à caminho do cemitério.



Aspecto dos túmulos de Tito Ferreira Carvalho (67 anos) & Antônio Rodrigues (24 anos), trabalhadores ferroviários da Machardy, assassinados pela polícia durante a greve de 1917, na cidade de Campinas (cemitério da Saudade).



Outro aspecto do enterro do operário Jozé Iñigues Martinez.



AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910.

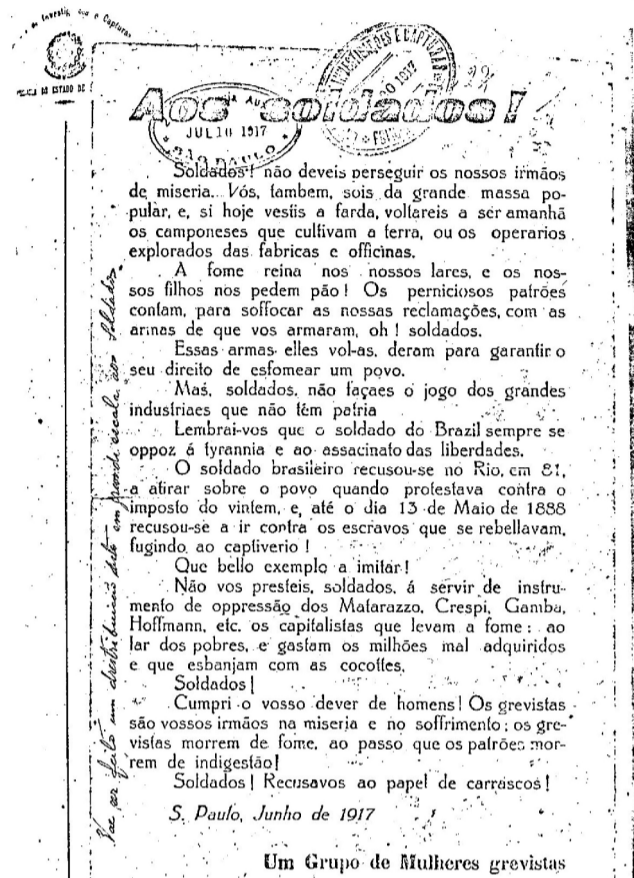
100 ANOS DA GREVE GERAL DE 1917

A CONSTRUÇÃO DA RESISTÊNCIA URBANA EM JOINVILLE

A classe dominante escreve a história de Joinville como a cidade da ordem, da paz social e do trabalho. É uma narrativa que escamoteia a luta de classe na formação da cidade capitalista.

“1917 marca a primeira greve do operariado joinvilense, inserindo-se no contexto das mobilizações nacionais, e os operários locais se envolveram no movimento paredista trazendo para Joinville "cidade do trabalho e da ordem" a "ameaça da turba enfurecida”

Por Iara Andrade Costa.



A GREVE

Impressionados pelo estado doloroso de agitação em que se encontra a cidade de S. Paulo e pelos dolorosas ocorrências que se tem desenrolado nos últimos dias; considerando ao mesmo tempo que nada justifica semelhante situação, visto como não parece haver excessos de intransigência nem do lado dos industriaes, nem do lado dos grevistas, só faltando um meio pratico e efficaz de se pôrem em accôrdo as partes em conflicto;

os representantes da imprensa, abaixo assignados, cedendo exclusivamente ás sympathias que nutrem pela causa do operariado e ao desejo de vêr a cidade restituída á ordem e calma habitnaes, resolveu tomar a iniciativa de uma mediação entre os reclamantes, de um lado, e os industriaes e representantes dos poderes publicos, do outro, confiando em que os seus esforços serão por todos bem comprehendidos e sinceramente auxiliados.

Neste intuito pedem ao Comité de Defesa Proletaria que nomeie uma comissão autorisada a entrar em negociações com os industriaes e com o governo, por intermedio da comissão de imprensa.

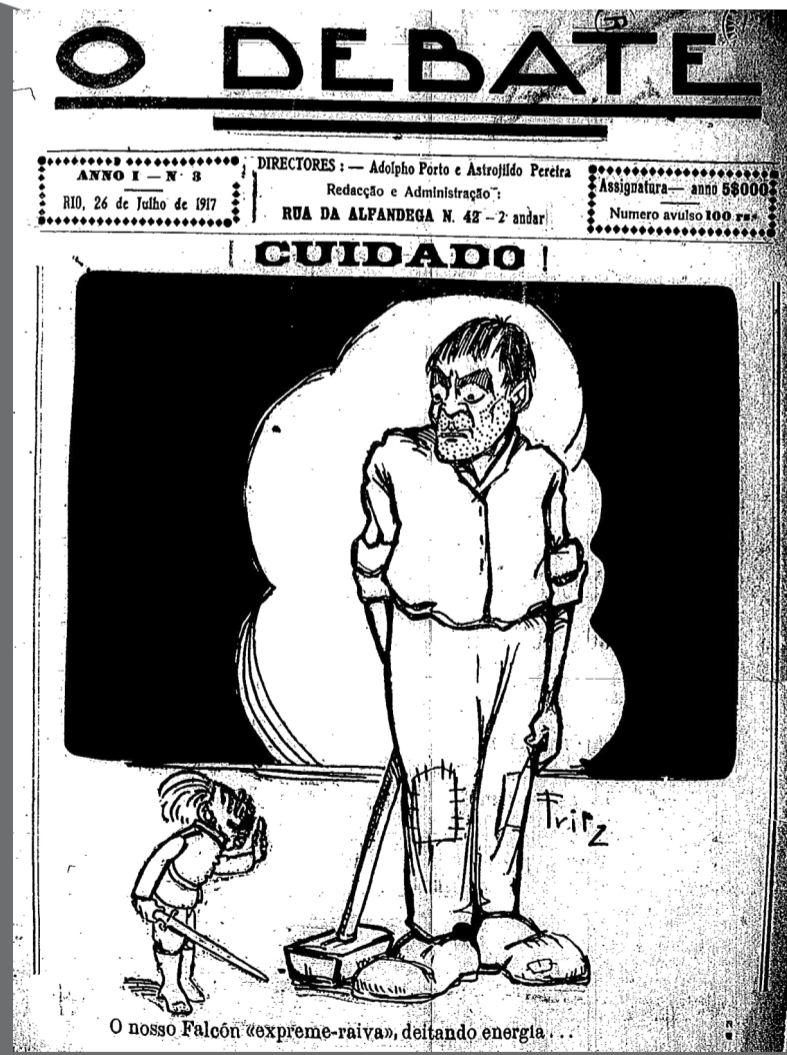
Esta comissão de operarios deverá comparecer a uma reunião amanhã, 14, ás 16 horas, na redacção do «Estado», comprometendo-se os abaixo assignados, sob palavra de honra, a guardar absoluta reserva sobre tudo quanto fór extrahido aos termos exclusivos das ultimas propostas formuladas em nome dos grevistas.

Estabelecido o minimo das reclamações dos operarios, será lavrada uma acta da reunião e a comissão de jornalistas procurará immediatamente entender-se com os srs. industriaes e com os representantes do governo no sentido de se obter o maximo de concessões em favor do operariado.

A comissão abaixo assignada não só espera que por esta forma se encaminhe facilmente a desejada solução do actual conflicto, como está convencido de que por outra maneira não se conseguirá pôr um termo feliz a tão complicada e perigosa situação.

S. Paulo, 13 de Julho de 1917.

- | | |
|-------------------------|-------------------------|
| João Silveira Junior | — «Correio Paulistano» |
| Valente de Andrade | — «Jornal do Commercio» |
| Dr. Umberto Serpieri | — «Fanfulla» |
| Dr. J. M. Lisboa Junior | — «Diario Popular» |
| Paulo Moutinho | — «A Gazeta» |
| Valdomiro Fleury | — «A Platão» |
| João Castaldi | — «A Capital» |
| Paulo Mazzoldi | — «Il Piccolo» |
| Nestor Pestana | — «Estado de S. Paulo» |
| Amadeu Amaral | — «Estado de S. Paulo» |
| Nereu Pestana | — «O Combate» |



AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910.

100 ANOS DA GREVE GERAL DE 1917

A IMPRESSA JOINVILENSE NOTICIA A GREVE

“Acredita-se que por uma questão de solidariedade outras categorias apoiaram o movimento. Mas aí o conceito de solidariedade é duvidoso. No caso seria tirar as castanhas do fogo para os outros. Nos atuais tempos críticos deve a nossa população ser duplamente prudente e evitar em la linha tudo o que leva a agitações. Quando dois fazem a mesma coisa, esta longe de ser a mesma coisa. Não se pode dizer que movimentos operários locais vão ser vistos com os mesmos sentimentos benevolentes, em parte com sentimentos medrosos, e não são com os mesmos olhos que ele pode ver a situação local. Prudência e distância são hoje, mais do que justamente apropriadas.”

*Por Kolonie Zeitung.
Periódico bissemanal em alemão gótico,
traduzido por Maria Thereza Bobei.
Jornal do dia 24 de julho de 1917.*

“Desde ontem de manhã Joinville está em Greve, a primeira greve de proporções já acontecidas aqui.(...)”

Toda a condução da greve , aliás é tão confusa, fica-se em duvida se há aqui apenas a incapacidade para dirigir o movimento por um melhor salário é apenas o disfarce para outros objetivos escondidos,ou interesse s secretos. Por diversas indícios, levam-nos á última suposição, e por isso lamento vivamente, que uma grande parte dos trabalhadores alemães, como parece, principalmente por um sentimento de solidariedade mal entendido, tenha aderido ao movimento. Este sentimento de solidariedade os honra, mas que sejam cuidadosos que no final não tenham que pagar a conta de tudo. (...) De qualquer maneira, damos aos operários alemães o conselho bem intencionado, encaminharem seus desejos e queixas, desde que as tenham, cheios de confiança a seus chefes e patrões, que lhes deram até agora pão e salário. Com isso ganharão mais do que correr atrás dos seus interesses e de seus camaradas, que ficam muito aquém dos seus ideais. Perdendo tempo com demonstrações que tumultuam a população e que fatalmente não terão nenhum resultado diante da falta de qualquer organização e de total incapacidade de dirigir o movimento.”



AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910.

100 ANOS DA GREVE GERAL DE 1917

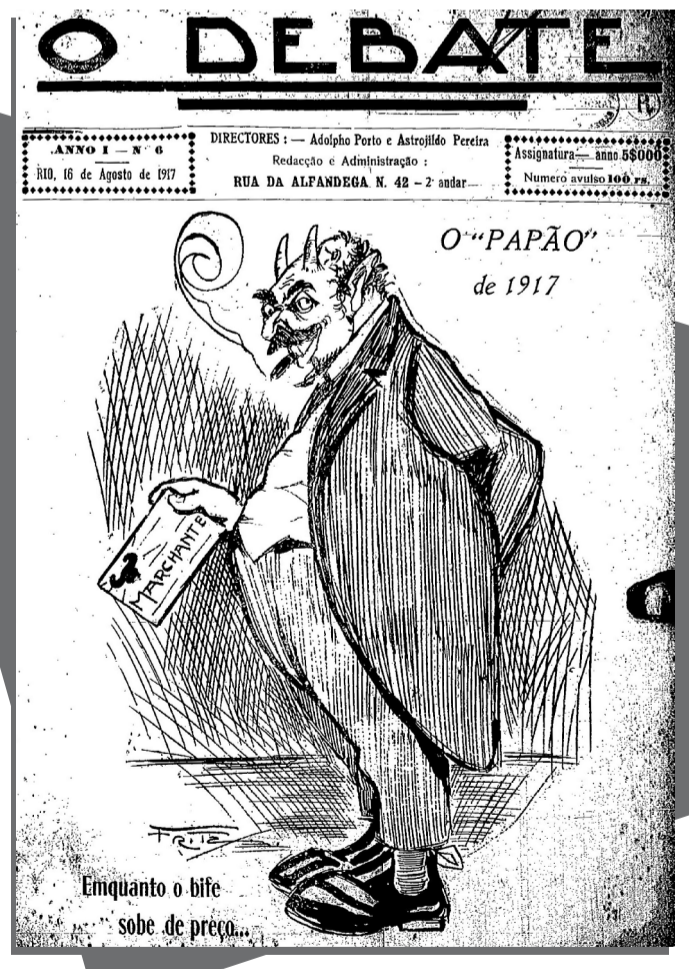
AS REIVINDICAÇÕES EM JOINVILLE

- 1) 8 horas de trabalho
- 2) aumento de 30% sobre os ordenados
- 3) ordenado mínimo para os trabalhadores auxiliares de 4\$000.

O Dr. Gil Costa, chefe de polícia que se achava aqui por essa ocasião, prendeu o chefe deste movimento, mandando-o para Florianópolis. Foi esta disposição, que motivou o fracasso das greves projetadas.

Os "agitadores" eram demitidos a título de lição para os demais e, de um modo geral, entravam para as listas negras das companhias, principalmente naquelas em que possuíam associações de classe eficazes. Uma vez na lista negra, o trabalhador tinha forçosamente que procurar outro emprego em outra "freguesia" e para tanto era obrigado a migrar." (342- Tulemann, operário joinvilense foi preso em Joinville e enviado a Florianópolis sob a acusação de ser agitador socialista, por reivindicar medidas de diminuição da jornada de trabalho, diminuição do custo de vida e principalmente por ter participado de algumas reuniões junto a outros trabalhadores, onde se cogitava maneiras de se participar em uma greve.

Por Jornal de Joinville.
Joinville, 27 de maio de 1919. Ano I, n.59.



AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910.

100 ANOS DA GREVE GERAL DE 1917

A CONTINUIDADE DAS GREVES

“Em maio de 1920, efetuou-se em Joinville, uma sessão preliminar do Congresso Brasileiro de Operários, achando-se numerosos representantes de associações operárias, demonstrando que estes estavam engajados nos movimentos nacionais.

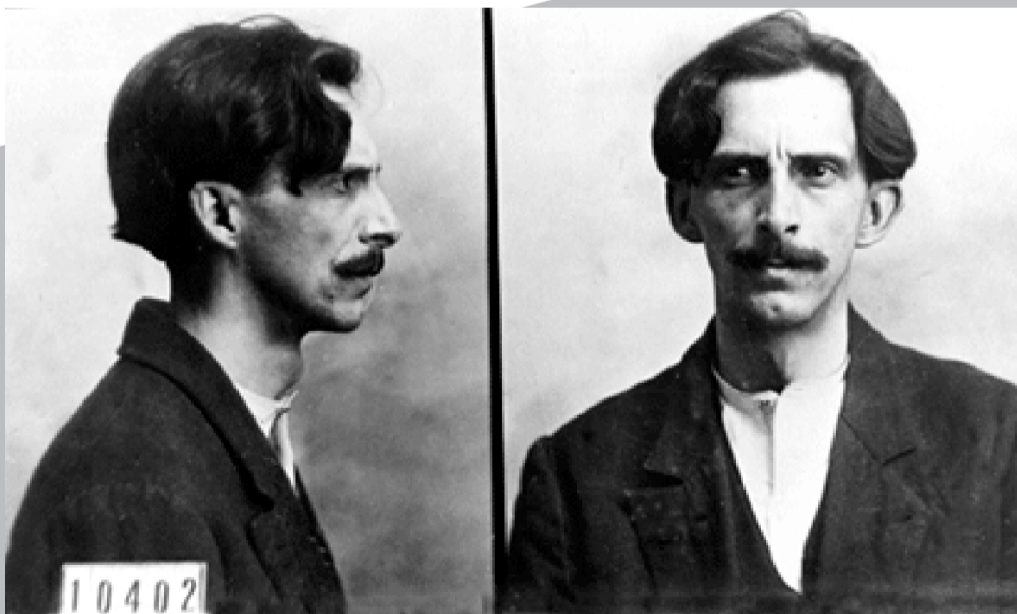
Aqui, os momentos de mobilização coincidiram com os de crises econômicas nacionais, mas acompanhados pelos jornais, estes se tornam muito evasivos e meio sem sentido. Por exemplo em 23 de outubro de 1920, o Jornal de Joinville na sua seção de Notas e Notícias traz o seguinte anúncio - "A Greve Geral": - "Os operários continuam a se agitar para a realização da greve. Várias associações já aderiram à greve, sendo estas as dos operários de calçados, marceneiros, trabalhadores da construção civil, metalúrgicos, maleiros, tapeceiros e os empregados em bares, cafés e o sindicato culinário".

*Por Jornal de Joinville.
01 de maio de 1920. Ano 2, n.35
e 23 de outubro de 1920. Ano 2, n.84.*

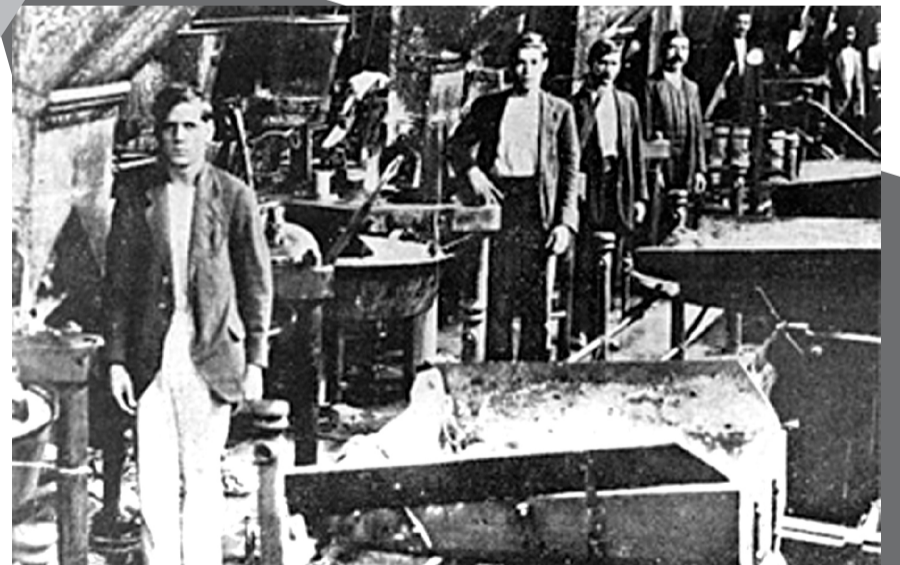
“Em Joinville, o início da década de 20 é marcado pelo movimento dos padeiros. Os operários das padarias fizeram chegar até nós (jornal), que estão dispostos a descansar um dia na semana, e para coagirem, certos patrões que não se conformam com tais disposições, requerem ao Conselho Municipal dessa cidade, fosse feita uma lei, determinando obrigatoriedade para esse descanso.

Parece muito justo os desejos desses rapazes. Toda gente tem um dia de descanso na semana, desde os mais humildes operários até o mais opulento patrão, e é portanto natural que os padeiros também tenham esse descanso.

A nota termina acreditando que o Conselho irá acolher os desejos desses operários na noite de domingo para segunda-feira, como de fato ocorreu.”



Edgard Leuenroth prisão.



Fábrica em greve durante 1917, São Paulo.



AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910.

100 ANOS DA GREVE GERAL DE 1917

AS MULHERES EM LUTA NO MOVIMENTO OPERÁRIO



Espertirina Martins, com 15 anos de idade, participou da greve geral de 1917, no Rio Grande do Sul. Chegou a carregar bombas dentro de um buquê de flores.

“As mulheres tiveram presença importante nas greves de 1917. Ainda que de modo um tanto difuso, as pautas delas estavam presentes no conjunto das reivindicações dos trabalhadores.”

Por Gláucia Fraccaro

A Batalha da Várzea e Espertirina Martins (1902 – 1940).

Em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, o movimento operário, com forte presença anarquista, aconteceram intensas greves. Em 1917, a Brigada Militar assassinou um operário, junto as questões econômicas e sociais, motivaram uma expressiva revolta contra os governos e os patrões, o momento foi marcado como “Batalha da Várzea”.

No contexto, Espertirina Martins, uma jovem anarquista, homenageia a polícia com um buquê explosivo, que matou metade da tropa militar, os cães de guarda do capital e do Estado.

A luta operária resultou a conquista de 8 horas de trabalho, proibição do trabalho infantil, licença maternidade e outros direitos.



Grevistas em frente à Crespi, a primeira fábrica a parar em 1917.



AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910.

100 ANOS DA GREVE GERAL DE 1917

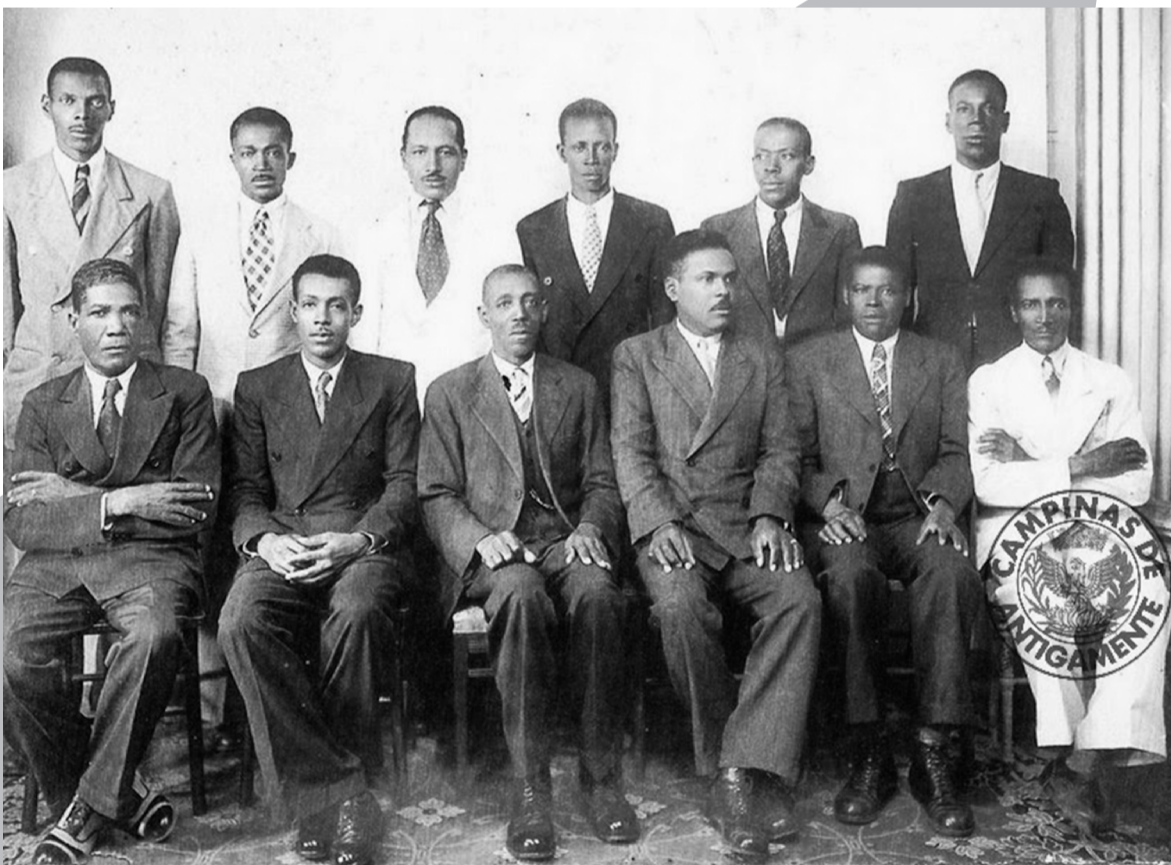
O MOVIMENTO NEGRO E A GREVE DE 1917

Armando Gomes foi um ativo participante da Greve Geral de 1917 em Campinas/Sp. O seu protagonismo ocorreu no episódio na Porteira do Capivara, e também como uma das principais lideranças da Liga Humanitária dos Homens de Cor, formada em sua grande maioria por ferroviários negros.

A região do Estado foi um intenso palco de lutas sociais, somando aos processos de lutas reivindicatórias, conquistas de direitos e formação da classe trabalhadora campineira. Os ferroviários eram considerados a categoria mais combativas na região, sendo elementos de resistência dos duros momentos repressivos dos patrões e governantes.



Armando Gomes, um dos organizadores da greve de 1917, em Campinas, protagonista do episódio ocorrido na porteira do capivara & membro do movimento negro local.



Liga Humanitária dos Homens de Cor, formada em sua grande maioria por ferroviários negros.



AS CONDIÇÕES DE VIDA DA CLASSE TRABALHADORA NA DÉCADA DE 1910.

100 ANOS DA GREVE GERAL DE 1917

FONTES PESQUISADAS

BITTENCOURT, Circe (Org.) Dicionário de datas da História do Brasil. Editora Contexto. São Paulo.

COSTA, Iara Andrade. A cidade da ordem: tensões sociais e controle (Joinville: 1917/1943). Curitiba, 1996.

LEUENROTH, Edgard. O movimento operário – a greve de 1917. Edição Centro de Cultura Social. São Paulo, 2016.

LOPREATO, Christina R. O espírito da revolta: a greve geral anarquista de 1917.

São Paulo: Annablume, 2000.

SAMIS, Alexandre. Pavilhão negro sobre a pátria oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. In: História do movimento operário revolucionário. São Paulo: Editora Imaginário, 2004, p.125-190.

VASCO, Neno. Concepção anarquista de sindicalismo. Porto: Afrontamento, 1984.
Material online

CORRÊA, Felipe. Surgimento e breve perspectiva histórica do anarquismo. Instituto de Teoria e História Anarquista: www.ithanarquista.wordpress.com/2013/01/17/surgperspectlivro/ - consultado 02/02/2017

Material de formação da Federação Anarquista Gaúcha:
www.federacaoanarquistagaucha.files.wordpress.com/2015/12/movimento-operario-brasil-e-rs.pdf - consultado em 11/02/2017

Material de formação da Federação Anarquista do Rio de Janeiro:
www.anarquismorj.wordpress.com/textos-e-documentos/programa-de-formacao-farjoasl/ - consultado em 12/02/2017

AGRADECIMENTOS

AMORABI – Associação de Moradores e Amigos do Bairro Itinga

Marcolino Jeremias e NELCA – Núcleo de Estudos Libertários Carlo Aldegheri

Ao conjunto de trabalhadoras e trabalhadores lutaram por nossos direitos.

